

# Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



# Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Culturas e história dos povos indígenas

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]  
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do  
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,  
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertencem a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absolutos, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Janaína de Paula do E. Santo

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

**DOI 10.22533/at.ed.6682016091**

### **CAPÍTULO 2..... 13**

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

**DOI 10.22533/at.ed.6682016092**

### **CAPÍTULO 3..... 23**

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

**DOI 10.22533/at.ed.6682016093**

### **CAPÍTULO 4 ..... 37**

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

**DOI 10.22533/at.ed.6682016094**

### **CAPÍTULO 5..... 51**

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.6682016095**

### **CAPÍTULO 6..... 63**

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

**DOI 10.22533/at.ed.6682016096**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO	
Karen Francis Maia	
Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS	
Aida Brandão Leal	
Rafaela Werneck Arenari	
Janaína Mariano César	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE	
Regina Cláudia Moraes de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA	
Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”	
Dilma Costa Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE	
Alberto Reani	
Josélia Ramos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>146</b>
O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR	
Carolinne Melo dos Santos	
Anna Erika Ferreira Lima	
Ana Cristina da Silva Moraes	

Mateus de Castro Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.66820160913

**CAPÍTULO 14..... 160**

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta

Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

**CAPÍTULO 15..... 175**

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

**CAPÍTULO 16..... 187**

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

**CAPÍTULO 17..... 202**

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita

Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

**CAPÍTULO 18..... 218**

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

**CAPÍTULO 19..... 229**

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

**CAPÍTULO 20..... 238**

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos

Nancy Zarate Castillo

**DOI 10.22533/at.ed.66820160920**

**CAPÍTULO 21.....248**

**A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO’ NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII**

*Antonio Martins Ramos*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160921**

**CAPÍTULO 22.....258**

**INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA**

*Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco*

*Divane de Vargas*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160922**

**CAPÍTULO 23.....271**

**PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK**

*Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160923**

**SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283**

**ÍNDICE REMISSIVO.....284**

# CAPÍTULO 12

## MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE

*Data de aceite: 01/09/2020*

**Alberto Reani**

Mestre em Teologia Pastoral pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, Brasil.

**Josélia Ramos da Silva**

Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande/PB, Brasil.

Artigo apresentado para o Simpósio Temático 06 - Biografias e histórias de vida como porta de entrada para compreensão de povos indígenas, no 3º CIPIAL – Congresso Internacional Povos Indígenas na América Latina, Brasília, julho de 2019.

**RESUMO:** Esse artigo tem por objetivo relatar memórias da vida de João Tomás, liderança antiga e tradicionalmente reconhecida em Pankararu – Brejo dos Padres (PE). A história de João Tomás, pajé Pankararu, nos revela parte da história do Tronco Velho Pankararu e a entrelaça com outras histórias no tempo das emergências étnicas e das “lideranças peregrinas” (ARRUTI, 2004, p. 258). A micro história contida nas memórias de familiares e amigos esconde/revela detalhes de uma história maior em que os índios no Nordeste se tornam protagonistas de sua história. Metodologicamente, utilizamos a história oral por meios de entrevistas semiestruturadas e pesquisa documental. Como aporte teórico usamos o conceito de identidade de Fredrik

Barth, de micro história de Carlo Ginzburg, de memória coletiva de Maurice Halbwachs e o de lideranças peregrinas de José Arruti.

**PALAVRAS-CHAVE:** Emergências étnicas; Memória; Pankararu.

**ASBTRACT:** This article aims to report memories of the life of João Tomás, an old and traditionally recognized leadership in Pankararu - Brejo dos Padres (PE). The story of João Tomás, shaman Pankararu, reveals part of the history of Tronco Velho Pankararu and intertwines it with other stories at the time of ethnic emergencies and “pilgrim leaderships” (ARRUTI, 2004, p. 258). The micro story contained in the memories of family and friends hides / reveals details of a larger story in which the Indians in the Northeast become protagonists of their history. Methodologically, we used oral history through semi-structured interviews and documentary research. As a theoretical contribution we use the concept of identity of Fredrik Barth, of micro history of Carlo Ginzburg, of collective memory of Maurice Halbwachs and that of pilgrim leaders of José Arruti.

**KEYWORDS:** Ethnic emergencies; Memory; Pankararu People

### INTRODUÇÃO

As gerações mais jovens precisam conhecer o caminho que os mais velhos fizeram, pois, o de que hoje podem usufruir, foi adquirido com lutas, resistências e perspicácia pelas gerações que antecederam. Contar aviva

a memória. Contar acontecimentos e histórias de pessoas amplia o conhecimento. Contar façanhas de quem pertence ao “meu” povo, à “minha” família fortalece a memória coletiva. Contar as relações que a história individual e familiar tem com a história contextual, além de recompor magicamente o passado, mantém desperta a consciência coletiva e individual e diversas formas de memória, formas que mudam conforme os objetivos que elas implicam (HALBWACHS, 1990, pp. 14-15). Ellacuría (1990, p. 520) afirma que a história tem um “caráter processual e é essencial a este caráter o momento de sucessão, porém também o momento de desaparecimento. [...] O que foi já não é, por isso é algo passado e sem passado não há história”.

É o caso da história do pajé Pankararu João Tomás dos Santos, que conforme Arruti (1996, p. 60) pertence à “segunda geração de lideranças peregrinas” que atuaram na década de 1960, depois de uma primeira geração que atuou algumas décadas anteriores, cuja “micro história” abre para percepções de uma “macro história” que podemos chamar “História dos Povos Indígenas no Nordeste”, na época do “ressurgimento indígena”<sup>1</sup> dentro da sociedade nacional brasileira.

Este momento teve certamente dois fatores importantes e principais: a criação do Serviço de Proteção ao Índio e Localização dos Trabalhadores Nacionais - SPI (a partir de 1918 passou a ser Serviço de Proteção ao Índio - SPI) em 20 de junho de 1910, pelo Decreto nº 8.072 e a decisão dos povos indígenas de sair do anonimato, em busca de seus direitos. Para isso foi preciso buscar o “reconhecimento de ser índio” por parte das autoridades do Estado Brasileiro, primeiro passo para conseguir o reconhecimento de suas terras (Terra Indígena). Por outro lado, mas anterior na relação ao objetivo final (assegurar suas terras), procurar alianças entre povos indígenas e entrar na rede que as “lideranças peregrinas” (ARRUTI, 1996) iam criando entre os povos da região do sertão do Rio São Francisco (Pernambuco, Alagoas, Bahia, Sergipe).

Essa pesquisa tem por objetivo historicizar a importância de João Tomás na luta para “levantar aldeia” entre alguns povos da região do sub-médio São Francisco. Para isso utilizamos a história oral por meio de entrevistas semiestruturadas com algumas pessoas que conviveram com João Tomás. As entrevistas foram gravadas, com exceção de Dona Severina (Tida), filha de João Tomás, a qual não quis gravar, mas permitiu a transcrição do que ela contava. Depois de transcrita, levamos para a aprovação, que foi dada na íntegra.

<sup>1</sup> Talvez seja um exagero ou uma pretensão comparar o movimento de lideranças (peregrinas) indígenas no Nordeste, com o movimento que existiu na Itália e conhecido como “*Risorgimento*” (ressurreição/ressurgimento). A comparação leva em conta dois elementos ao menos interessantes e consideráveis que fizeram os dois movimentos: unidade (aspecto político) e identidade (aspecto da consciência). O “*Risorgimento* italiano” foi o período no qual a península italiana, dividida politicamente em pequenos domínios (reinos, ducados, etc.), alcançou sua unidade nacional com a criação do Reino da Itália. Disso resultou, em segundo momento, certa consciência nacional. Podemos dizer, paralelamente, que as décadas de 1920-1960 permitiram no Nordeste um processo histórico em que, graças a algumas lideranças, os povos indígenas puderam alcançar certa unidade (ainda visível na APOINME – Associação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas e Espírito Santo) e uma consciência identitária nova (não mais “caboclos” mas “povos”). Não nos referimos aqui à questão de “povos ressurgidos” versus “povos resistentes”, mas à ação fundamental de suas lideranças (fulni-ô, pankararu, tuxá, xocó, kariri, xukuru, etc.) que acabaram conseguindo esta unidade e esta consciência, manifesta no que dizem hoje: “orgulho de ser Pankararu” (Fulni-ô, Tuxá, etc).

Utilizamos também dados coletados em alguns discursos de teóricos como Arruti (1996; 1999; 2000) e Barbosa (2003), como também dados encontrados no Arquivo do Conselho Indigenista Missionário Nordeste – CIMI/NE, que se encontra na cidade do Recife.

Como aporte teórico, utilizamos o conceito de identidade de Barth, que define identidade étnica como um *status* que determina uma série de restrições quanto aos papéis que um indivíduo assume e às parcerias que esse pode fazer para realizar transações, portanto identidade é imperativa (BARTH, 2000, p.16-17). Halbwacs, que fala de memória coletiva, nos ajuda afirmando uma distinção entre memória histórica que “supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado” e a memória coletiva entendida como uma consciência coletiva capaz de “reconstruir” a memória histórica (HALBWACS, 1990, p. 14-15). Nos valem do conceito de micro história de Ginzburg (2007), uma história local, uma história individual e do cotidiano que, em suas conexões mais amplas, contribui para orientar as decisões (p. 264), onde “toda configuração social é o resultado da interação de incontestáveis estratégias individuais” (p. 275). De Arruti (1996) utilizamos a ideia de lideranças peregrinas, pois nos ajuda colocar João Tomaz no contexto das andanças de lideranças indígenas no Nordeste em busca de direitos perante as diferentes instâncias do governo e da sociedade brasileiros, e oferecendo apoio recíproco entre povos vizinhos.

## **MOBILIZAÇÃO E EMERGÊNCIAS ÉTNICAS**

As décadas de 1910 a 1940 foram importantes com relação às emergências dos povos indígenas, especialmente no Nordeste. A Campanha de Integração Nacional encampada por Getúlio Vargas no Estado Novo (1937-1945) abriu os caminhos para o Oeste e possibilitou que os povos indígenas retornassem na cena da história. “A “Missão de Pesquisas Folclóricas” de Mário de Andrade” (1938), quando dirigia a Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, possibilitou novos questionamentos com relação ao suposto desaparecimento dos índios no Nordeste.

Já, em 1910, com a criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN), se visava “tanto a proteção e integração dos índios, quanto a fundação de colônias agrícolas que se utilizariam de mão-de-obra encontrada pelas expedições oficiais” (Decreto nº 8.072, de 20 de junho de 1910), no contexto do “avanço da civilização” e das “diversas frentes de expansão para o interior, ao longo de todo o país, [que] faziam guerra contra os nativos” de um lado, e, do outro, a acusação “de massacre aos índios” feita contra o Brasil “no XVI Congresso dos Americanistas ocorrido em Viena” em 1908 (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2018).

E se quiséssemos dar um passo mais atrás, o envolvimento dos índios na Guerra do Paraguai (1864-1870) também estava dando aos poucos certa visibilidade aos que há tempo não encontravam espaço nas crônicas e na História.

Arruti parece passar a ideia de que a iniciativa da mobilização para a reafirmação dos povos indígenas no Nordeste seja o resultado do trabalho “humanitarístico” do padre Dâmaso, cuja mediação favoreceu os Fulni-ô de Águas Belas (PE) que conseguiram o primeiro Posto Indígena do Nordeste (1924), “sobre as terras do extinto aldeamento do Ipanema” (ARRUTI, 1996, p. 46). O que moveu o padre se tornar “porta-voz” dos “descendentes dos Carnijós” foi vê-los “vítimas indefesos de todas as vilanias da prepotência sertaneja” (DÂMASO, 1931. Apud: ARRUTI, 1996, p. 46).

Procuramos, porém, justificar a mobilização deste período a partir dos próprios indígenas, pois acreditamos que eles sempre foram protagonistas de sua própria história. O que fez com que, do silêncio e escondimento, os povos indígenas, nas suas lideranças, passem para a busca de direitos? O que estava mudando? Foi simplesmente o surgimento do SPI ou/e a possibilidade de encontrar parceiros que, imbuídos da cultura humanista da época, começaram perceber maiores garantias e possibilitaram novas estratégias de resistência e buscas? O que ocasionou este “circuito de trocas de informações” que permitiu gerar uma “rede de referências étnicas sobrepostas” (ARRUTI, 1996, p. 250)?

O pajé João Tomás, esta importante liderança Pankararu, surgiu neste contexto como uma das “lideranças peregrinas” (ARRUTI, 1996), embora que, como afirma o mesmo Arruti, faça parte da “segunda geração” (1996, p. 60).

## JOÃO TOMÁS DOS SANTOS

Pouco conseguimos saber da vida de João Tomás, se não dados esparsos, o que nos convenceu ainda mais sobre a necessidade de recolher memórias das pessoas que fazem/fizeram parte da história Pankararu, como é o caso do objetivo da nossa pesquisa.

No Arquivo do CIMI/NE, no Recife, encontramos um artigo de Lacerda, advogada do CIMI na época. No artigo, publicado no Jornal Porantim de dezembro de 1994 se diz que João Tomás nasceu no dia 04 de maio de 1921. O artigo foi publicado na ocasião do retorno dele à aldeia “em clima de muita emoção e apreensão”, depois de João Tomás receber alta em 3 de dezembro de 1994. Aos 72 anos, “o cacique encontrava-se internado no Hospital da Restauração, em Recife, desde o dia 08 de novembro, quando foi submetido a uma cirurgia de amputação da perna direita, decorrente de um quadro de gangrena provocado por diabetes” (LACERDA, 1994). Em 1994, conforme o artigo, João Tomás liderava

há 45 anos as comunidades do Macaco (onde mora), Serrinha, Barriguda, Logrador, Barrocão e Espinheiro, que juntas se autodenominam “Entre-Serras – Canabrava”.

As seis comunidades, que segundo Dona Hilda somam uma população de 2.222 índios (450 famílias), localizam-se na proximidade da divisa criada em 1940 pelo antigo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) que demarcou a área em 8.100 ha. (LACERDA, 1994).

As comunidades citadas acima, lideradas por João Tomás, são Aldeias da Terra Indígena Pankararu - Entre Serras, que faz divisa com outra Terra Indígena Pankararu – Brejo dos Padres, ambas localizadas no sub-médio São Francisco entre as cidades de Jatobá, Petrolândia e Tacaratu no Estado pernambucano. João Tomás foi uma das lideranças que promoveu um movimento a partir de 1987 para realizar a demarcação de Entre Serras. Organizou suas próprias viagens para a cidade de Recife, manteve contatos com organizações indígenas e com o Conselho Indígena Missionário (CIMI), criou uma associação comunitária indígena Pankararu, “em 1989, toma a iniciativa de ‘levantar’ sua própria aldeia, exigindo para isso da FUNAI o reconhecimento oficial do abaixo-assinado e a instalação de um posto indígena na Serrinha” (FERREIRA; ARRUTI, 2000, p.80).

No mesmo artigo de Lacerda, João Tomás é citado também como uma liderança que exerceu “importante ascendência espiritual sobre o grupo, tendo sido seu pajé durante oito anos”. Seu reconhecimento é notado pelo “Pajé Velho” da Aldeia Serrinha, Joaquim Serafim, falecido em 27/02/1994, aos 103 anos de idade, quem o colocou na função de cacique. Tal fato também é confirmado pelo cacique Zé Auto ao nos relatar sobre a pessoa de João Tomás:

Joaquim Serafim ele era o pajé lá na Serrinha e pai [Narciso Pedro] era o cacique. Então, na época do...quando foi iniciado o Conselho, os Conselhos, fizeram umas Praças de Indígena, era o Conselho Indígena, e aí criaram sub-pajé e sub-cacique. E ele [João Tomás] ficou como sub-pajé, lá de Joaquim Serafim, e Abílio Pedro que era sub-cacique. Aí, quando ele era mais novo, quando os mais velhos não queriam ir, mandavam eles. Um assumia papel de pajé e outro de cacique, né. Mais como naquele tempo nas mudanças das políticas, né, aí, eles quiseram sempre a ideia de separar, separar o Brejo da Serrinha. Aí, como hoje, criaram Entre Serras. Sempre tiveram essa ideia, então ele [João Tomás] ficou liderando como cacique daquela área lá. Junto com Hilda, né. E morreu como cacique daquela área lá, né. Cacique. É porque foi substituído de Joaquim Serafim na época. Foi ele [Joaquim Serafim] que botou. Ele não quis mais ficar. (Entrevista com Zé Auto, cacique Pankararu. Brejo dos Padres, janeiro de 2019).

Em Arruti (1996) encontramos informação que João Tomás também foi escolhido para ser sub-pajé pelo mesmo Joaquim Serafim, o “sarapó”, “responsável pela guarda dos segredos da aldeia, conhecedor profundo das tradições e dono do Terreiro do Índio Xupunhum”<sup>2</sup>. (ARRUTI, 1996, p. 69). Foi o próprio Joaquim Serafim que o “iniciou”, juntamente com outros, entre as lideranças peregrinas, “mediadores entre a comunidade e as autoridades extra-locais” (ARRUTI, 1996, p. 95).

Um dos homens ligados a este terreiro [de Xumpunhum, na Serrinha] era o também jovem João Tomás, morador da aldeia vizinha “Macaco”. “E se agradou

---

<sup>2</sup> Índio Xupunhum é “o Encantado maior da aldeia, chefe de todos os outros Encantados, único a ter uma festa anual, associada à festa do Umbu, conhecida como a maior festa da aldeia” (ARRUTI, 1996, p. 69). Diferente é a visão de Priscila Matta para a qual Xupunhum não se identifica como o encantado maior, ao dizer que “O Mestre Guia é o ser supremo, Xupunhum, Cinta Vermelha e os encantados que são capitães fazem parte do escalão mais alto” (MATTA, 2005, p. 78).

dele”, diz João Binga, referindo-se à relação preferencial que começou a se estabelecer entre o pajé Joaquim Serafim e João Tomás. Efetivamente, em pouco tempo, Joaquim Serafim faria João Tomás seu sucessor, através da criação do cargo de “sub-pajé”. Este e o cargo de “sub-cacique” estavam sendo criados, naquele momento, como forma de transferir para pessoas mais jovens e mais disponíveis para viagens parte das atribuições dos cargos, ainda que mantendo a hierarquia com os seus titulares. (ARRUTI, 1996, p. 99).

De fato, João Tomás assume essa sucessão de pajé e de liderança peregrina ao desenrolar de sua história de vida. No entanto, esses papéis sociais e culturais assumidos por João Tomás não começaram a ser forjado apenas pelas mãos do “sarapó”, Joaquim Serafim. Percebemos que o próprio João Tomás já tinha uma predisposição nata, moldado em seu caráter de liderança, que aqui chamamos de liderança andarilha, como nos relatam o cacique Zé Auto, que se diz “doutrinado na ciência” por João Tomás e uma das filhas D. Severina.

Era um homem destemido. Era muito destemido. Não temia nada. Ele enfrentava qualquer perigo que fosse. E na parte espiritual, ele aqui era um dos melhores. Era um dos melhores curador. Que ninguém escondia nada dele, sabe. Tivesse de acontecer ou tivesse acontecendo, já tava olhando, antes de acontecer, sabe. Era um homem de muito talento.

Ele era muito guerreiro, sabe? Ele enfrentava tudo. Enfrentava qualquer inimigo. Enfrentava e não tinha medo. Tem uma história dele que um dia tava tomando uma Pitu lá em Tacaratu com cumpadre Mané Dedé. Era um barzinho lá, um alambique. Tava tomando uma Pitu e aí chegou um Cabo, o Cabo chamava Biu. Chegou e disse: “Caboclo tá preso! Sabia que tá preso?” “Não!” “Você tá preso!” “Tá bom. Então perai só um minutinho, deixa eu tomar um golinho de cachaça primeiro.” Pegou o copo, bebeu, né. Bebeu... e na orelha do Cabo: “Pá!” “Pronto! Agora tem um motivo para me prender!” Era valente o homem. Ninguém desfazia dele não. (Entrevista com Zé Auto, cacique Pankararu. Brejo dos Padres, janeiro de 2019).

A filha de João Tomás, Severina, conhecida carinhosamente como Dona Tida (por isso decidimos nos referirmos a ela pelo mesmo apelido), em uma entrevista que fizemos no Brejo, nos conta alguns detalhes de família.

João Tomás, Filho de Sr. Manoel Tomás, apelidado por “Tomasão”, e da Sra. Maria Cangula, da Aldeia Macaco, saiu de lá quando Dona Tida era ainda “menina de colo”. Ela e a família dela, pai, mãe, irmãos e avós maternos (não conheceu os avós paternos por terem falecido antes), saíram da Terra Pankararu por causa de uma grande seca.

Foram para Porto Real do Colégio (AL), onde outros Pankararu moravam. Comerciante e barbeiro, João Tomás conheceu pessoas e viu a possibilidade de viver melhor com a família na Ilha das Flores (SE), onde abriu salão e foi conhecido como João Barbeiro. Da Ilha das Flores, na época Ilha dos Bois, se mudou para Parapitinga (SE), onde costumava fazer comércio<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Em rápida pesquisa na internet descobrimos que a atual cidade de Brejo Grande (SE) “em 1943 mudou o nome para Parapitinga e em 1954 voltou para Brejo Grande” (disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Brejo\\_Grande](https://pt.wikipedia.org/wiki/Brejo_Grande)). Acesso em

Em Aracaju conheceu o Doutor Milício, que tinha uma Fazenda de Coco. Foi convidado trabalhar nessa Fazenda e para lá se mudou. Na Fazenda acabou adoecendo. Acamado e imobilizado pela doença, já de vela na mão, teve uma visão onde os pais dele, de cachimbo e maracá, traziam os praiá e falando com João Tomás o orientaram para voltar para o seu lugar e tomar conta do que era dele, se referindo ao cachimbo e ao maracá do pai. Ainda disseram que ia ficar bom tomando o remédio que uma mulher iria trazer para ele.

Quando chegou a mulher que tomava conta dos trabalhadores da Fazenda e cuidava deles quando adoeciam, soube da doença de João Tomás e procurou açúcar para fazer uma garapa. Foi o remédio. João Tomás ficou bom e resolveu sair da Fazenda, levando a família de volta para sua Terra. Não voltou, porém, na Terra Pankararu, conforme conselho recebido em visão. Parou por um tempo em Delmiro Gouveia (AL), onde abriu uma mercearia.

Passado algum tempo adoeceu novamente, desta vez era a memória que falhava. Não conseguia raciocinar direito, tendo dificuldades de trabalhar. Então alguns velhos Pankararu vieram fizeram rezas, cruzamento com cachimbo, e disseram a João Tomás que os “homens” dele (os Praiás) estavam chamando-o de volta para que tomasse conta do que era dele.

João Tomás decidiu ir embora. Juntou a família e saiu, mas novamente não chegou à sua terra, pois decidiu ficar em Pariconha (AL), onde continuou sua profissão de barbeiro. (Entrevista com Dona Tida, filha de João Tomás. Brejo dos Padres, janeiro de 2019).

Nesses relatos sobre as andanças da família por melhores condições de sobrevivência Dona Tida nos faz observar dois aspectos de João Tomás: primeiro, um homem inquieto, andarilho, um homem em busca de algo, segundo, alguém com um dom místico, que através de um sonho recebe dois recados um de cura e outro espiritual (cuidar de Praiás<sup>4</sup>). Por não ter ido cuidar dos Praiás, como a ele foi revelado, adoece e recebe o mesmo recado ao ser curado. Isso seria o sinal do início para sua pajelança? Coisa que ele relatou ao cumprir o pedido para que voltasse para a Terra Pankararu.

Consequimos outras informações nos escritos de Arruti. Na entrevista a João de Páscoa, liderança da Serrinha que já faleceu, é confirmada a estada de João Tomás em Pariconha: “os índios ia trabalhá e ficava por ali, constituía família, é dessa família Cangula, do João Tomás, tinha muitos deles lá [em Pariconha]. É onde deu origem à tribo dos Geripancó [...]” (entrevista de João de Páscoa cedida a Arruti. Apud: ARRUTI, 1996,

10/05/2019). A informação nos ajuda colocar os fatos contados por Dona Tida entre essas datas em que Brejo Grande era chamado Pirapitinga: 1943 e 1954. Sabendo que Dona Tida nasceu em 1949, podemos afirmar que João Tomás e família chegaram a Pirapitinga entre 1950 e 1954.

4 Conforme Matta, os praiá são “encantados que se apresentam através de vestimentas e máscaras rituais. As atribuições principais desses encantados são a proteção da aldeia e a cura dos homens” (MATTA, 2005, p. 16). “Os praiá são as manifestações materializadas dos encantados, através do uso de vestimentas e máscaras rituais confeccionadas de caroá”, planta da caatinga que, através de um processo manual, é transformado em fibra (MATTA, 2005, p. 75). A autora descreve em detalhes a “vestimenta” do praiá na p. 79 da pesquisa citada. Segundo a pesquisadora Mura “Os praiás são as máscaras de caroá que encarnam os encantados (entidades cruciais da cosmologia pankararu) e os membros do grupo ritual que toma o mesmo nome” (MURA, 2012, p. 38, nota 36).

p. 54).

Em uma conversa que tivemos com o pajé do povo Geripankó, Sr. Elias na Aldeia Ouricuri (Pariconha – AL), confirma ter conhecido João Tomás, pois o irmão dele, Antônio Tomás, morava próximo, sendo seu vizinho. Afirma, porém que João Tomás viveu pouco tempo em Pariconha, mas na cidade.

Dona Tida continua sua história contando que,

Quando João Tomás retornou à Terra Pankararu, ela já tinha 13 anos de idade. No entanto, João Tomás não teve direito à sua terra. De fato a FUNAI considerou que a terra dele tinha sido abandonada pelos muitos anos passados fora.

Os sogros tinham as terras no Brejo, onde hoje se encontra o Posto de Saúde (Polo) e o Bar de Cícero Pinto, mas onde a FUNAI, na época, construiu uma Casa de Farinha e um engenho. Foi quando os avós maternos de Tida [sogros de João Tomás], vindo de Pariconha, compraram uma casa e foram morar no Saco dos Barros, localidade Pebão, e João Tomás foi morar com a família na Aldeia do Brejo, em um quarto da Casa de Farinha.

Aos poucos, João Tomás foi retomar as coisas do pai. O Cachimbo estava na casa da filha de Joaquina Monteiro, tia de João Tomás. Este é o cachimbo que se encontra com a filha de Creuza, irmã de Tida que há alguns anos faleceu.

João Tomás recuperou o maracá do pai e levantou praiá, se tornando sub-pajé de Pankararu na época em que o pai de Zê Auto, Sr. Narciso Pedro, era cacique. A liderança de João Tomás era muito reconhecida. Ele era chamado para resolver as situações que aconteciam na Aldeia. Havia com ele outras lideranças como Sr. Abílio Pedro, do Saco do Toco, Sr. Antônio Mutuca, do Gitó, Antônio Badu, do Morcego. (Entrevista com Dona Tida, filha de João Tomás. Brejo dos Padres, janeiro de 2019).

Encontramos nessas falas de Dona Tida o início da liderança de João Tomás junto ao seu povo. Aos poucos foi retomando seus símbolos tradicionais, o cachimbo e o maracá, e assumindo o papel de pajé e líder comunitário de sua Aldeia, criando alianças e sendo reconhecido pelo povo Pankararu.

Dona Tida continua oferecendo detalhes de uma história Pankararu ainda pouco conhecida e que envolve a família dela (João Tomás) e outras famílias.

Nesta época, prossegue, a mãe de Gilberto e Zê Índio, Dona Verônica trabalhava no Posto da FUNAI, primeiro como professora (a primeira professora em Pankararu) e depois como Chefe de Posto, quando Sr. Nenê de Bela era vaqueiro da FUNAI. (Entrevista com Dona Tida, filha de João Tomás. Brejo dos Padres, janeiro de 2019).

No seu depoimento, Dona Tida conta que o pai passou um tempo na Ilha do Bananal, embora não conheça se não este nome. Quando soube da existência do local parecia interessada em visitá-lo. Apesar de tudo, não soube nos dar detalhes com relação ao que

lá João Tomás fez, nem a localização certa de sua estada. Suspeitamos que tenha passado um período tendo contato com os povos indígenas de lá. Dizemos isso na base de um ritual “administrado” pelas irmãs Creuza e Rosilda, que acontece no segundo domingo de maio. Denominamos esse como “Ritual da Mandioca”, por causa da farinha de mandioca derramada, junto com garapa de cana, na cabeça de quatro casais, no centro do terreiro que se encontra na frente da casa de Dona Rosilda, na Aldeia Brejo dos Padres. O mesmo ritual acontece na Aldeia Macaco, onde morou o pajé João Tomás e a filha Creuza.

Com relação à descendência de João Tomás, em resumo, contada por Dona Tida. As filhas que conhecemos são: Creuza, já falecida, Tida, Dete e Rosilda. Mas sabemos de outros filhos que teve com Dona Maria de Zé Lucas, da família Valera do Brejo, que tem origem na bisavó de Tida, Dona Chiquinha, segundo quanto a própria Dona Tida nos disse. Na época em que deixou essa primeira família para constituir uma segunda família com Ana de Aristide, no Macaco, Dona Maria tinha uns sete filhos.

Bueno, da Equipe do CIMI/NE, em um relatório o descreve assim:

João Tomás, apesar de ser um tanto autoritário, não transparece ser centralizador, delegando os poderes às outras lideranças. João Tomás é um homem místico e carismático, chega a ser cultuado, um mito em constante ascensão. (CIMI/NE, 1994).

Sr. João Tomás faleceu depois de ter contraído diabetes, por causa da qual teve as duas pernas amputadas.

## **LIDERANÇAS PEREGRINAS: DA PRIMEIRA PARA A SEGUNDA GERAÇÃO**

Arruti (1996, p. 60) afirma que João Tomás faz parte da segunda geração de lideranças peregrinas. Juntamente com ele estava Quitéria Binga, Antônio Moreno, Luiz Caboclo, Maria Berto, Dona Hilda, João Binga e Manoel Oliveira.

Maria Berta, concorrente da Quitéria, deixaria a área Pankararu e iria juntar-se à parte de sua família nos Geripancó, tornando-se lá uma grande liderança. Quitéria, por outro lado, intensificaria sua participação nas viagens e, em pouco tempo, tornar-se-ia a mais assídua e conhecida das lideranças Pankararu, centrando sua atuação no tema da retomada das terras ocupadas pelos posseiros. Ela, João Tomás, João Binga, Hilda e Antônio Moreno seriam as lideranças mais destacadas neste sentido: muitas vezes, todos viajariam juntos apesar das graves diferenças entre eles. (ARRUTI, 1996, p. 103).

Não nos interessam, aqui, as divergências entre essas lideranças, mas o papel que a “segunda geração” cumpre em relação à primeira, destacando o trabalho de João Tomás, objeto principal de nossa pesquisa.

Conforme Arruti (1999) as décadas de 1910 e 1920 foram importantes para a emergência dos Índios no Nordeste. Os Potiguara na Paraíba (Rio Tinto) e os Fulni-ô no Pernambuco (Águas Belas) já estavam neste processo e o SPI enviara um funcionário para

encaminhar o primeiro Posto Indígena no Nordeste. Isso seria possível a partir de algumas “condições básicas”, ou “sinais externos geralmente admitidos pela ciência etnográfica”, quais: fisionomia, índole, costumes ou idioma (ARRUTI, 1999, p. 5). Os “Fulni-ô reuniam também outras qualidades, que os faziam ponto de partida das emergências seguintes” (ARRUTI, 1999, p. 5):

Chamam a atenção de uma série de comunidades, com as quais mantinham laços rituais, para o SPI. Os Pankararu, que desde o início da década de 20, por meio de suas relações com os Fulni-ô, haviam estabelecido contatos com o Pe. Dâmaso, depois de tomarem conhecimento da existência de um órgão oficial que oferecia proteção aos “remanescentes indígenas” contra os proprietários locais, passaram a intensificar suas viagens para Águas Belas. (ARRUTI, 1999, p. 6)

Como Arruti apresenta em seu texto sobre a “Árvore Pankararu” (1999, p. 7-8), o primeiro círculo ficou “dependendo” de mediadores externos (SPI, padre Dâmaso ou o Dr. Carlos Estêvão), mas o que ele chama de “segundo círculo” constituiu uma “rede de mediações” onde os sujeitos e atores eram indígenas, e nesta rede, as lideranças peregrinas Fulni-ô e Pankararu tiveram papel fundamental que gerou uma mobilização interétnica: Fulni-ô, Pankararu, Xocó, Tuxá, em um primeiro momento.

Esse é o primeiro desenho da rede de relações que, do ponto de vista dos grupos envolvidos, possibilitou sua passagem do estado genérico e pejorativo de caboclos, para o estado também genérico mas juridicamente diferenciado de índios, na luta pela reconquista da terra de morada e de trabalho. (ARRUTI, 1999, p. 9-10)

Pelo que daria a entender, a primeira geração estava preocupada com a visibilidade para um reconhecimento étnico e o Toré era uma espécie de sinal diacrítico, sinal de diferenciação, para as autoridades brasileiras. As “viagens” oportunizaram esta emergência: os “caboclos” são reconhecidos como “descendentes de índios”. Finalmente são visibilizados os que por séculos ficaram silenciados.

As décadas de 1930 a 1960 foram o tempo do “levantamento de aldeias”. Se no primeiro momento era preciso mostrar sinais externos de diferenciação para ser individuados como “remanescentes”, neste segundo momento era preciso trabalhar a espiritualidade, a ligação com a Tradição. Precisava intensificar o intercâmbio como forma de “fortalecer o ritual” e “levantar novos terreiros” e “realizar o Toré mais frequentemente” (ARRUTI, 1999, p. 22).

É o caso, por exemplo, dos Pankararé do Raso da Catarina (Paulo Afonso – BA), povo socorrido por João Tomás, os quais

intensificaram o intercâmbio com os Pankararu como forma de “fortalecer o ritual”, e passaram a “levantar” novos terreiros, retomaram os Praiá, compuseram novos toantes, edificaram um Poró e passaram a realizar o Toré mais frequentemente. O termo usado, desde então, para se referirem ao que

estava acontecendo era o de "levantar aldeia" (SOARES, 1977), numa dupla referência ao que concebiam como uma revivescência religiosa e como um nascimento político. (ARRUTI, 1999, p. 22).

A preocupação não era mais simplesmente com relação aos de fora (Estado e outras Instituições). Agora precisava fortalecer-se internamente enquanto povo. Isso deu também algumas discussões internas à rede que foi se constituindo, pois havia quem visasse a necessidade do Estado para conseguir a demarcação da terra e quem acentuasse a ligação/memória com a Tradição como aspecto principal, de que a relação com a Natureza é expressão.

É nesta fase que encontramos a atividade de João Tomás, junto a outras lideranças Pankararu citadas acima.

## **JOÃO TOMÁS LEVANTADOR DE ALDEIAS**

Essa pesquisa mostra como João Tomás foi cacique e também pajé. Isso devido à forte personalidade e ao "chamado" (recebido em sonhos), não simplesmente pelas formalidades de cargos. De fato, em tempos em que o pensamento comum era de que o índio era em fase de extinção pelo avanço da modernidade (pensamento evolucionista romântico), dentro de um projeto político e econômico de aculturação e inserção na sociedade visando sua transformação em trabalhador, e num contexto jurídico de tutela, João Tomás tem a estratégia de usar os meios disponíveis e se relacionar com as autoridades de forma que pudessem servir ao projeto das lideranças de "levantar aldeias".

No caso dos Pankararé, ameaçados pelas autoridades e pelos fazendeiros locais, João Tomás recorre à autorização escrita pelo Delegado de Glória (BA) e ao Major Reni, em Paulo Afonso (ARRUTI, 1996, p. 60-61).

Na base destas experiências, João Tomás adquire um poder simbólico nessa rede de lideranças. Ele mesmo é convidado para ajudar levantar aldeias e lutar pelo reconhecimento dos povos e o fortalecimento de alianças.

João Tomás, depois de ter alcançado certa notoriedade entre outros grupos indígenas e seus mediadores ou opositores diretos com o conflito junto aos Pankararé, continuou atuando como disseminador do campo de ação indigenista entre os Kambiwá e os Kapinawá, onde foi necessário apenas apresentar-se às autoridades locais respaldando a pretensão daqueles grupos ao reconhecimento como "remanescentes". (ARRUTI, 1996, p. 61).

Sabemos que sua liderança é lembrada principalmente em Kambiwá (Ibimirim e Inajá – PE) e em Pankararé (Rodelas, Glória e Paulo Afonso – BA), conforme testemunham Dona Justa Kambiwá e Sr. Zé Auto Pankararu, além dos pesquisadores Arruti (1996 e 1999) e Barbosa (2003).

Também a gente, nos anos... nesses anos lá de 70, por aí assim, a gente

foi em Kambiwá. Foi junto a João Tomás. João Tomás ajudou, porque teve um tempo em que Kambiwá tava assim, sem força. Foi João Tomás, foi pai [Narciso Pedro], foi Guilherme. Todo primo, né. E eu criança no meio deles. Sei que levantou Kambiwá, sabe? João Tomás também, ainda foi ele que levantou assim o povo Xukuru, lá de Marquinho, né. E outro também andou muito por lá também foi aquela aldeia dos da Bahia... dos Pankararé. Então ele teve aí influência em tudo, sabe? (Entrevista com Zé Auto, cacique Pankararu. Brejo dos Padres, janeiro de 2019).

O que João Tomás ia fazer quando chamado nas aldeias? Por que era chamado? Realidade de conflito com os “brancos” (fazendeiro, policiais, etc.), necessidade de “reconhecimento” e de conhecimento da “ciência” eram os motivos principais que moviam esta liderança de Pankararu para no meio de outros povos indígenas. O relato de Dona Maria Justa da Conceição Silva Vieira, Kambiwá, nos ajuda entender e colocar alguns pontos importantes dessa atividade.

A última vez que eu encontrei [João Tomás] foi quando ele foi na Pousada onde tava cuidando [da saúde], tinha ido pro médico e ele dizendo que nós morava no coração, Kambiwá pra ele, estando em Kambiwá ele tava em Pankararu. [...] eu digo que ele para o nosso povo Kambiwá foi importante, como acredito muito que no povo dele ele foi um pajé, um pajé de nome, de respeito. [...] Pra nós Kambiwá, eu não posso falar dos outros, eu falo do que conheço, e ele foi como um pai pra gente. Nas histórias, no território, na demarcação... (Entrevista com Maria Justa, Kambiwá. Aldeia Baixa da Alexandra, março de 2019).

Dona Maria Justa conta que várias vezes foi com João Tomás para Pankararu. “Não só eu como duas irmãs do nosso pajé atual”. Lá, na aldeia Barroçã moravam as filhas dele Creuza, Rosilda, “jovem na época” e Dete, que “morava mais perto dele”.

A gente quase não ia na casa de Tide [Tida], só quando tinha uma festa no Brejo que a gente ia até lá. [...] Nós ia pra lá, porque eu sempre gostei de cantar Toré. Aprendi muito cantar Toré com João Tomás e não esquecendo que a gente tem que cantar o nosso Toré, [...]. A gente chegava lá e a gente não conhecia o território. A gente não saía de casa, mas aí tinha sempre Toré na casa dele. E a gente tava sempre com ele na mesa, na concentração, porque ele nunca fez questão de a gente não participar do ritual na casa dele porque a gente não era Pankararu. (Entrevista com Maria Justa, Kambiwá. Aldeia Baixa da Alexandra, março de 2019).

O fato que ela conta nos deixa pensar que não se tratasse de simples visita e sim uma possibilidade de iniciar jovens na arte da ciência (a mesa). De fato, como ela mesma relata, “os nossos mais velhos tinham um segredo quando encontravam um mais velho”. E João Tomás ia “pra ajudar”, pois ele tinha o conhecimento espiritual e político. Isso possibilitava na luta contra os fazendeiros que perseguiram e ameaçavam os índios e ocupavam suas terras (ARRUTI, 1996, p. 60-61; BARBOSA, 2003, p. 120-123).

Foi assim que em Kambiwá ajudou levantar o primeiro Praiá (BARBOSA, 2003, p.

138-139)<sup>5</sup> e ensinou o “primeiro pajé que nada sabia e só tinha vontade de desenvolver o trabalho que não sabia” (Entrevista com Maria Justa, Kambiwá. Aldeia Baixa da Alexandra, março de 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um chamado: “Cuida do que é teu!”. João Tomás, ao ouvir o seu chamado cuidou do que era dele. Mas o que era mesmo dele? Cachimbo e maracá? Não apenas isso. João Tomás retoma o seu maracá e o seu cachimbo, mas isso foi apenas o início do seu compromisso consigo mesmo, com o seu povo e com outros povos. Ao tornar-se liderança peregrina, João Tomás traz para si a responsabilidade de levantar aldeias em terras Pankararu e em outros povos, como vimos.

Outro carisma que percebemos em João Tomás foi o de ensinar aos jovens a Tradição, como foi o caso de Zé Auto. Vários testemunhos nos mostram seu cuidado em fortalecer o povo na sua consciência de ser povo, no sentido de valorizar o que é ser índio, perante uma sociedade “estranha” que tenta a todo custo negar este direito de ser índio.

Começamos este artigo afirmando que as gerações mais jovens precisam conhecer o caminho que os mais velhos fizeram, pois, o de que hoje podem usufruir, foi adquirido com lutas, resistências e perspicácia pelas gerações que antecederam. Pois bem, aqui contamos um pouco das memórias sobre uma liderança que deixou marcas profundas na história de seu povo. Marcas de resistência, marcas de luta, mas principalmente a marca de ser um Pankararu. Cabe aos jovens olhar essas marcas para conhecer um pouco de sua história e traçarem seus caminhos.

Essas são somente algumas notas esparsas sobre a história de João Tomás. Faz-se necessário um estudo biográfico sobre esta liderança que tanto se registrou na história do seu povo como na de outros povos remanescentes no Nordeste brasileiro, Pankararé, Kambiwá, Xukuru, Kapinawá, entre outros, pois acreditamos que tal estudo trará uma contribuição na história dos índios do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício Paiva Ardion. **O Reencantamento do Mundo**. Trama histórica e Arranjos Territoriais Pankararu. Dissertação apresentada ao PPGAS do Museu Nacional, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 1996.

ARRUTI, José Maurício Paiva Ardion. **A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no sertão do São Francisco**. 1999. Disponível in: [https://www.academia.edu/1578779/A\\_%C3%A1rvore\\_Pankararu\\_fluxos\\_e\\_met%C3%A1foras\\_da\\_emerg%C3%Aancia\\_%C3%A9tnica\\_no\\_sert%C3%A3o\\_do\\_S%C3%A3o\\_Francisco](https://www.academia.edu/1578779/A_%C3%A1rvore_Pankararu_fluxos_e_met%C3%A1foras_da_emerg%C3%Aancia_%C3%A9tnica_no_sert%C3%A3o_do_S%C3%A3o_Francisco). Acesso em: 17/06/2014.

ARRUTI, José Maurício Paiva Ardion. A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica  
5 Nas páginas 165 a 170, Barbosa (2003) conta como se deu a chegada de Mestre Jataizinho, primeiro encanto a surgir entre os Kambiwá por intermédio do pajé João Tomás.

no sertão do São Francisco. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A viagem de volta. Etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro: LACED, 2004, pp. 231-279.

BARBOSA, Wallace de Deus. **Pedra do encanto: dilemas culturais e disputas políticas entre os Kambiwá e os Pipipã**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

BARTH, Frederic. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução de John Cunha Comeford. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO - REGIONAL NORDESTE. **Relatório do Povo Pankararu/ Equipe Sertão**. Entre Serra – Canabrava Pankararu. Arquivo CIMI/NE, Recife, 06 de dezembro de 1994. 2 páginas.

DÂMASO, Pe. Alfredo Pinto. **O serviço de Proteção aos Índios e a Tribu dos Carnijós no sertão de Pernambuco**. Rio de Janeiro (libreto), 1931.

ELLACURÍA, Ignacio. **Filosofia de la realidad histórica**. San Salvador: UCA Editores, 1990.

FERREIRA, Ivson J.; ARRUTI, José Maurício Paiva Andion. **Relatório da identificação e delimitação da TI Pankararu-Entre Serras/PE**. 2000.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. **Serviço de Proteção aos Índios – SPI**. (Página web modificada em 2018). Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Servi%C3%A7o\\_de\\_Prote%C3%A7%C3%A3o\\_aos\\_%C3%8Dndios\\_\(SPI\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Servi%C3%A7o_de_Prote%C3%A7%C3%A3o_aos_%C3%8Dndios_(SPI)). Acesso em 01/04/2019.

LACERDA, Rosane. Pankararu comemora recuperação de seu cacique e continua a luta pela terra. In: **Jornal Porantim**, Brasília, dezembro de 1994.

MATTA, Priscila. **Dois elos da mesma corrente**. Uma etnografia da Corrida do Imbu e da Penitência entre os Pankararu. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2005.

MURA, Claudia. **“Todo mistério tem dono!”: ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, PPGAS, Museu Nacional, 2012.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

### C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

### D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

### E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

### I

Indígenas Karipuna 258

### L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

### M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

## **O**

Oralidades 119

## **P**

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34

## **R**

Resistências 90, 132, 144, 271



# Culturas e História dos Povos Indígenas

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



Atena  
Editora

Ano 2020



# Culturas e História dos Povos Indígenas

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



Atena  
Editora

Ano 2020